VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

A MORTE E A FESTA DO LÍDER: ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO DO MITO POLÍTICO RONALDO CUNHA LIMA

José Adilson Filho*
Maria Auberlaine do Nascimento Lima**

A história é um campo de saber que busca incansavelmente romper limites e convenções. E é por essa razão, que ela se encontra cada vez mais mergulhada no desejo de perscrutar questões que até então estiveram fora de seu alcance. Porém, o faz sem a pretensão de querer abarcar tudo, pois apesar da sua ousadia e imaginação, aprendera com os ossos do ofício a escapar de algumas ilusões.

Interpretar a experiência e a ação dos homens e das mulheres através das várias temporalidades torna o historiador um artesão do tempo, um sujeito cuja sensibilidade lhe permite observar e auscultar com profundidade os movimentos, as mudanças, as tensões, as alegrias e os sofrimentos de indivíduos e grupos sociais. Essa sensibilidade não se constrange apenas a olhar e a falar de um tempo distante da sua existência. Tal qual um pássaro ele atravessa com seu voo as mais altas, baixas, remotas ou próximas paisagens temporais. Não importa sobre qual período histórico o historiador se debruçará, uma vez que sua investigação sempre estará apoiada num olhar retrospectivo, ou seja, num recuo temporal, a despeito do seu objeto lhe ser demasiadamente contemporâneo, Nesse

* Mestre em História (UFPE), Doutor em Sociologia da Cultura (UFPB) e professor e pesquisador na UEPB e na FAFICA.

** Graduada em história pela Universidade Estadual da Paraíba. E membro do Grupo de Estudos sobre Cultura Política, Poder Local e História do Tempo Presente.

sentido, os temas mais próximos e viscerais à sua experiência como ator social são também passíveis de uma análise histórica e, portanto não devem ser negligenciados ou simplesmente colocados como área exclusiva dos sociólogos, jornalistas, cientistas políticos e antropólogos.

Pensando com o poeta Carlos Drummond de Andrade, diríamos que *o tempo presente, os homens presentes e a vida presente* são também a matéria do historiador e, não apenas aquilo que ficou ossificado pela longitude temporal. Nosso objeto se inscreve dentro do que muitos historiadores chamam de História do Tempo Presente e História Imediata, como recorte temporal, pois se volta a estudar temas que se confundem virtualmente com o tempo e o lugar vividos pelo pesquisador. A proximidade temporal com o objeto torna o historiador em determinadas situações uma figura que articula ao mesmo tempo a condição de autor e ator.

Este texto resulta de uma pesquisa maior, a qual busca fazer uma análise histórica e sócioantropológica da morte e posterior tentativa de transformação de Ronaldo Cunha Lima num mito político paraibano. Sua morte ocorreu no dia 07 de julho de 2012, sendo seu corpo velado e ritualizado no Parque do Povo, símbolo dos maiores eventos culturais da cidade de Campina Grande. Uma das outras estratégias de construção do mito é o uso político daquilo que foi inventado como o "Maior e Melhor São João do Mundo" que é realizado no mesmo local, mas que este ano teve seu calendário propositadamente adaptado às comemorações do primeiro ano de aniversário do falecimento do ator político. Em ambos os acontecimentos – a **morte e** a **festa** – o Parque do Povo fora escolhido para ser o lugar por excelência da tentativa de consagração do líder Ronaldo Cunha Lima numa figura perene e espectral no imaginário social dos paraibanos. É claro que além destes dois elementos há outros aspectos da história deste personagem que contribuem para dotar de legitimidade seu espectro político, tais como sua origem familiar, seu lugar social, suas ações administrativas, sua sensibilidade poética, seu temperamento e personalidade, que também iremos abordar em nossa pesquisa.

Por fim, vale salientar que este projeto faz parte da nossa linha de pesquisa Cultura Política, Poder Local e História do Tempo Presente ligado ao Grupo de Pesquisa intitulado *Cultura Política* e *Poder Local*, do qual sou também líder e que está registrado nos diretórios de grupos de pesquisa do CNPq

A ESPETACULARIZAÇÃO DO MORTO

A morte de Ronaldo Cunha Lima, ocorrida em 07 de julho de 2012, configura-se num **acontecimento** político de grande impacto na sociedade paraibana. Ela reverberou nos seus mais variados espaços e atores sociais, produzindo imagens, discursos e narrativas que buscavam geralmente representar sua grandiosidade ou singularidade como homem público, Tais representações aliadas a diversos rituais foram estrategicamente apropriadas por familiares e aliados para consagrá-lo na memória coletiva como um espectro duradouro. Ou seja, o corpo e a memória deste ator serão ritualizados de maneira espetacular num dos cenários mais emblemáticos da cidade de Campina Grande. O Parque do Povo, local no qual se realizam os maiores eventos culturais e sociais da cidade, será o espaço da tentativa de transformação do morto em mito. Pois aquele lugar havia sido criado por ele quando fora prefeito pela segunda vez. Além das alegrias e energias, o Parque do Povo será agora o espaço da celebração da grande comoção em torno do líder. A vida e a morte se cruzam e são agenciadas para a construção de um novo mito. Com a morte, outras facetas do líder são fortalecidas: a do pai amorosos, do poeta, do sonhador, do modernizador, homem carismático e corajoso, passional. Enfim, as cores biográficas ganham tons mais fortes e vibrantes.

> Quanto mais o mito ganha amplitude, mais se entende por um largo espaço cronológico e prolonga na memória coletiva, mais se deve esperar, aliás, ver os detalhes biográficos, as características físicas ganhar importância. (GIRADET, 1987, p. 82).

A morte enalteceu ainda mais o seu lado poético. O poeta suaviza estrategicamente o político, ao colori-lo com valores e virtudes mais elevadas. A poesia mescla de sensibilidade e inventividade o pragmatismo político. Ele mais que nunca é construído como um homem singular, pois para seus aliados e familiares fazia poesia com a política e política com poesia. Ao contrário dos demais, sua retórica e ações eram temperadas com a musicalidade dos versos improvisados, os quais “encantavam” seus correligionários.

Nas manifestações de despedida, um dos primeiros a ressaltar tal singularidade fora seu próprio filho, o senador Cássio Cunha Lima, ao dizer que "os poetas não morrem! O Poeta Ronaldo Cunha Lima, após uma vida digna, descansou.", publicou no microblog Twitter.

Políticos, familiares, amigos, artistas e cidadãos comuns lamentaram a morte de Ronaldo com palavras de apoio à família ou apenas citando trechos de seus poemas, como fez Bruno Cunha Lima. "Quando eu for pra eternidade, / onde só Deus me alcança, / eu não quero ser saudade, / já me basta ser lembrança".

"Ronaldo Cunha Lima foi um bom amigo dos estudantes, em especial, da URNe. Quero lembra-lo assim, quando eu era líder estudantil. Adeus poeta", publicou o membro da Associação Paraibana de Imprensa (API), Waldir Porfírio.

A cantora paraibana Elba Ramalho falou através do Twitter. "Abraço fraterno à família Cunha Lima pela passagem do querido poeta e influente político Paraibano, Ronaldo Cunha Lima". O uso do ciberespaço permitiu a disseminação das informações em grande escala e inflacionou a imagem do político, ou melhor, do poeta-político. Em todas essas falas, que recortamos, sobressaem, em primeiro lugar, a figura do poeta. A arte é extemporânea, e talvez, somente através dela é que se pode derrotar a finitude da vida. Assim exaltar o poeta e depois o político é uma forma de tornar sua memória e seu espectro ainda mais pujante e perene. Como poeta ele será monumentalizado através da construção de um espaço cultural em João Pessoa, que leva seu nome.

A partir das narrativas de despedida o "poeta" passa por um processo de blindagem às críticas, o homem revelado por ela é a figura do "salvador", do "herói" e do" visionário" em contraposição ao político astuto e, sobretudo, ao homem violento que quase matou a tiros um ex-governador. As narrativas em torno das qualidades do líder morto foram tão fortes e eloquentes que 'apagaram" o caso Gulliver momentaneamente do foco, isto é, a tentativa de assassinato provocado por Ronaldo Cunha Lima contra o ex-governador Tarcísio Burity num restaurante em João Pessoa.

A despedida oficial aconteceu no Palácio da Redenção e no Parque do povo. O palácio da Redenção por ter sido sua "casa" durante os seus dois mandatos como governador, e o Parque do Povo, obra efetuada durante sua gestão como prefeito de Campina Grande e grande símbolo dos espetáculos da cidade.

O palácio da Redenção foi também cenário para as primeiras homenagens, inclusive dos seus adversários políticos mais ferrenhos, que na ocasião ressaltaram a importância de Ronaldo Cunha Lima para a política paraibana.

http://cgretalhos.blogspot.com.br. Acesso:15 de novembro de 2013

Entre os políticos que prestaram as condolências a família encontravam-se os antigos rivais políticos, os quais também estrategicamente buscaram tirar algum proveito da situação a exemplo de José Targino Maranhão.

A imagem acima pode ser pensada como a encenação da despedida em que o lado humano supera a rivalidade política. O ex-governador José Maranhão presta as últimas homenagens ao seu rival, tendo logo atrás de si o filho Cássio Cunha lima, herdeiro e líder do grupo.

O segundo cenário e mais emblemático da despedida ao líder aconteceu na cidade de Campina Grande na qual ele sempre declarou o "amor por suas ruas, bares e festas". Ali também é a cidade onde se anuncia os herdeiros e em que se concentra a maior quantidade de eleitores do grupo Cunha Lima.

O lugar escolhido para o velório em Campina Grande foi o apoteótico Parque do Povo, lugar da realização do "Maior São João do Mundo" e grandes teatralizações políticas dos Cunha Lima. Como já dissemos este parque contempla as maiores festividades da Paraíba e fica conhecido nacionalmente durante as festas juninas. Ele foi idealizado e construído na década de 80 para promover a cidade e os seus criadores.

No parque do povo a comoção das pessoas, a dor e a curiosidade presentes na multidão que o cercara durante o velório e o trajeto fúnebre até o cemitério servira para a composição do mito político, feito ao som do choro dos seus admiradores, dos jingles de

campanhas, cartazes, fotografias e narrativas produzidas por jornalistas, blogueiros e fotógrafos.

A fotografia torna-se uma fonte importante para o historiador deste episódio, pois ela ajuda a recriar cenas que os textos e discursos verbais não dão conta.

A imagem fotográfica revela-nos detalhes e signos que a linguagem verbal não consegue revelar, pois ela imprime ao nosso olhar outras formas de leitura de subjetividades. Segundo Kossoy (2001, p.55)

> Assim as imagens que contenham um reconhecido valor documentário são importantes para os estudos específicos das áreas de arquitetura, antropologia, etnologia, arqueologia, história social e demais ramos do saber pois representam um meio de conhecimento da cena passada e portanto, uma possibilidade de regate da memória visual de um homem e seu entorno sociocultural. Trata-se de fotografia enquanto instrumento de pesquisa, prestando-se a descoberta, análise e interpretação da visão histórica.

O corpo do líder foi velado na pirâmide, a parte mais alta do parque do Povo. Tudo muito emblemático, porque suntuoso e simbólico. As pessoas que ali se faziam presentes, muitas delas com roupas de campanhas passadas ou com fotografias do líder contavam histórias de sua admiração advindas de gestos ou ações produzidas por Ronaldo. Alguns choravam em cima do morto, exclamando palavras de dor e de saudades.

http://g1.globo.com/paraiba/noticia/2012/07. ACESSO 20 de novembro de 2013.

A aposentada Angelina Bernado, fiel eleitora, chorava muito e os seguranças deixaram que ela tivesse acesso até o caixão. Ela beijou as mãos do político e poeta.

"Ronaldo na minha casa era tido como um santo. Eu e minha família devemos tudo a ele pelo que ele fez por Campina Grande e pelo povo. Vai ficar muita saudade", disse. (site: http://g1.globo.com/paraiba/noticia). Depoimentos como o da aposentada compõem um dos elementos de fabricação do mito Ronaldo Cunha Lima. O líder é erigido a categoria de "santo", por suas ações em prol do povo, conforme Dona Angelina . O mito se liga ao divino, pois na qualidade de homem "santo" ele transcende a morte, ao se imortalizar na memória e nos corações dos populares, a morte é retratada, portanto como um magnifico espetáculo repleto de símbolos que compõem a "feitura do grande homem".

Cássio Cunha Lima em entrevista a Tv Itararé durante o velório afirma que "o que mais conforta e da força a família é a comoção do povo das figuras anônimas" . Uma bela e estratégica maneira de perpetuar o mito é colocando-o dentro do povo, sob as benção do divino e paixão dos seus antigos e novos correligionários.

Numa mega fotografia (ver abaixo) erguida meio da pirâmide do parque do povo veem-se três imagens do líder, a mais antiga fica no meio e refere-se ao seu retorno à Campina Grande, quando foi eleito prefeito, a segunda imagem ao lado esquerdo refere-se ao momento que foi governador do estado, e a do lado direito quando senador. Na parte inferior da imagem aprece a pirâmide representado o parque do povo. As imagens tentam traduzir as fases mais importantes da sua trajetória política, e ao mesmo tempo, transformar o parque do Povo, esse lugar de espetáculos num monumento de sua memória.

O cortejo do corpo foi acompanhado por uma multidão. Muitos amigos e eleitores do "poeta" vestiram a camisa da época da campanha para governador, bandeiras e por todo o percurso cantaram sua música de campanha que marcou a Paraíba: *"Oiô, oiô, oiô… Ronaldo Governador"*. A comoção dos populares atravessou o centro de Campina Grande, e viam-se aplausos e choros não apenas dos apaixonados não por Ronaldo, mas, pela família Cunha Lima.

O " MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO" E A FESTA DO LÍDER MORTO

A morte do líder político coincidira com o fim das festas de junho, o parque do povo ainda estava ornamentado e para lembrar a relação do idealizador com o parque do povo foi posta a seguinte imagem, em meios as bandeirolas que enfeitavam a pirâmide.

http://g1.globo.com/paraiba/noticia/2012/07. ACESSO 20 de novembro de 2013

As homenagens prestadas ao líder retomaram ao cenário do Parque do povo, com os festejos do São João, em 2013, já que no dia 07 de julho faria um ano da morte de Ronaldo, tendo a programação dos festejos juninos sido estrategicamente alterada para o para coincidir com o aniversário de morte do mesmo, tornando mais uma vez o Parque de Povo num dos principais lugares de consagração da memória e criação do mito político. Seu corpo fisicamente não mais se fazia presente. Portanto, ele passaria a existir como representação – a presentificação de uma ausência através de discursos e dos lugares de memória. A festa no Parque do Povo é um desses lugares, no qual o morto torna-se um espectro visível e reluzente para milhares de pessoas. A visibilidade de milhares de pessoas que transitam por aquele espaço criado por ele e agora usado para a construção e mitificação dessa figura emblemática do cenário político paraibano.

A festa celebra a morte do líder ao som das zabumbas, triângulos e sanfonas, das alegrias das quadrilhas e dos forrozeiros e, também dos milhares de turistas que passam por ali. Ele morre para ressuscitar a cada ano no Parque do Povo, sua criação. Todavia, vale salientar que tais homenagens podem ser caso alteradas caso o grupo Cunha Lima perca o comando da prefeitura local. De qualquer forma o parque ajuda a tecer a imagem mítica de Ronaldo Cunha Lima. A lógica é fazê-lo viver através de uma seleção das melhores insígnias e ações. O seu lado mais obscuro, os escândalos devem ser silenciados para não macular a fabricação do mito. As narrativas são laudatórias, e servem para criar um homem sem defeitos, envolvido unicamente com as causas do povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADILSON FILHO, José. **A cidade Atravessada.** Velhos e Novos cenários na política belojardinense. Recife: Comunigraf, 2009.

ARENDT, Hannah. **O que é política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012

BARROS, José D´Assunção. **O campo da história.** Abordagens e especialidades. Petrópolis: Vozes, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos.** São Paulo: Cia das Letras, 2008.

BURKE, Peter. **A escola doa Annales.** A Revolução historiográfica francesa. (1929-1989). Assis: Unesp, 1990.

_____**A fabricação de Luís XIV.** A construção pública da imagem de Luís XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

CARDOSO, Ciro F. VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História.** Vols. 1 e 2. Niterói. Campus, 2012.

DEBBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997..

DOSSE, François. **A História em Migalhas.** Rio de Janeiro: Ensaio: 1994.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **A Fábrica dos sonhos.** A invenção do São João no espaço urbano. Campina Grande: Edufcg, 2008.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas.** São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

HOBSBAWN, Eric. **Tempos fraturados. São Paulo:** Cia das Letras, 2012.

MELLO, José Octávio de Arruda. **Da resistência ao poder,** O PMDB na Paraíba (1965/1999). Campina Grande: UEPB, 2010.

NETO, Faustino Cavalcanti et all (Orgs) **Cultura e Poder político.** Historiografia, imaginário social e representações da política na paraíba republicana. João Pessoa: ed. UFPB, 2012.

RÉMOND, René (org.). **A Nova História Política.** Rio de Janeiro: FGV, 1996.